

RESPOSTA A “UM PROJETO DE ORGANIZAÇÃO ANARQUISTA”

Nestor Makhno

Caro companheiro Malatesta,

Li sua resposta ao projeto intitulado “Plataforma Organizacional da União Geral dos Anarquistas”, publicado pelo Grupo de Anarquistas Russos no Estrangeiro.

Minha impressão é que você não compreendeu o projeto da Plataforma. Ou, então, que sua recusa em reconhecer a responsabilidade coletiva na ação revolucionária e a função de guia que as forças anarquistas devem assumir decorre de uma profunda convicção sobre o anarquismo que o leva a desconsiderar o princípio da responsabilidade.

Todavia, esse é um princípio fundamental que orienta nossa compreensão da ideia anarquista e nossa determinação de que ela deve penetrar nas massas, em seu espírito de sacrifício. É graças a ele que um homem pode escolher o caminho revolucionário e atrair outros para tanto. Sem isso, nenhum revolucionário teria a força, a vontade e a inteligência necessárias para aguentar o espetáculo da miséria social e tampouco lutaria contra isso. É com a inspiração da responsabilidade coletiva que os revolucionários de todas as épocas e tendências têm unido suas forças; é nela que eles baseiam suas esperanças de que as revoltas parciais, que abrem o caminho para os oprimidos, não foram em vão, que os explorados entenderiam suas aspirações, extrairiam delas as lições adequadas para sua época e as utilizariam para abrir novos caminhos para sua emancipação.

Você mesmo, caro Malatesta, reconhece a responsabilidade individual do revolucionário anarquista. E mais, você a defendeu durante toda sua vida como militante. Pelo menos, foi assim que entendi seus escritos sobre o anarquismo. Mas você nega a necessidade e a utilidade da responsabilidade coletiva quando se trata das tendências e das ações do movimento anarquista como um todo. A responsabilidade coletiva o assusta porque você a rejeita.

Para mim, que adquiri o hábito de encarar plenamente as realidades de nosso movimento, sua negação da responsabilidade coletiva parece não apenas carecer de fundamento, mas também ser perigosa para a revolução social, cuja experiência você

deveria levar em conta quando for necessária uma batalha decisiva contra todos os nossos inimigos de uma só vez. Minha experiência nas batalhas revolucionárias do passado leva-me a acreditar que, mesmo excluindo toda imitação e independente da sucessão dos eventos revolucionários, estes terão de receber direcionamento tanto ideológico quanto tático. Isso significa que apenas um espírito coletivo saudável e devotado ao anarquismo pode atender às exigências do momento, por meio de uma vontade coletivamente responsável. Nenhum de nós tem o direito de evitar essa responsabilidade. Pelo contrário, se ela foi até agora ignorada nas fileiras anarquistas, precisa se tornar já, para nós, comunistas anarquistas, um artigo de nosso programa teórico e prático.

Apenas o espírito coletivo e a responsabilidade coletiva de seus militantes permitirão ao anarquismo moderno eliminar de seus círculos a ideia, historicamente falsa, de que o anarquismo não pode ser um guia, ideológico ou prático, para a massa trabalhadora no período revolucionário e, portanto, não pode ter responsabilidade em geral.

Não irei, nesta carta, alongar-me sobre as outras partes de seu artigo contra o projeto da Plataforma, como aquela em que você diz vê-la como “um governo e uma igreja” sem polícia. Expressarei apenas minha surpresa por vê-lo utilizar tal argumento no curso de sua crítica. Tenho pensado muito a respeito e não posso aceitar sua posição e nem lhe dar razão.

Não, você não está certo. E porque não estou de acordo com sua refutação, que utiliza argumentos demasiado superficiais, acredito que tenho o direito de lhe perguntar:

1. O anarquismo deve assumir alguma responsabilidade na luta dos trabalhadores contra seus opressores, contra o capitalismo e seu servo, o Estado? Se não, você pode dizer por quê? Se sim, devem os anarquistas trabalhar para que seu movimento exerça influência nas mesmas bases que a ordem social existente?

2. Pode o anarquismo, no estado atual de desorganização em que se encontra, exercer alguma influência ideológica e prática nos assuntos sociais e na luta da classe trabalhadora?

3. Quais são os meios que o anarquismo deve adotar fora da revolução e quais são os meios que ele pode utilizar para provar e afirmar suas concepções construtivas?

4. O anarquismo precisa de organizações permanentes, intimamente ligadas entre si, com unidade de objetivos e de ação para alcançá-los?

5. O que querem dizer os anarquistas quando falam em “instituições a serem estabelecidas”, visando garantir o livre desenvolvimento da sociedade?

6. Pode o anarquismo, na sociedade comunista que concebe, dispensar as instituições sociais? Se sim, como? Se não, quais delas deveriam ser reconhecidas e utilizadas, e com que nomes levá-las à existência? Devem os anarquistas assumir uma função de guia e, portanto, de responsabilidade, ou devem se limitar a ser auxiliares irresponsáveis?

Sua resposta, caro Malatesta, é de grande importância para mim, por dois motivos. Permitirá que eu compreenda melhor sua maneira de ver as questões pertinentes à organização das forças anarquistas e do movimento em geral. E, sejamos francos, sua posição é aceita imediatamente e sem discussão pela maioria dos anarquistas e simpatizantes, porque é a posição de um militante experiente que tem, ao longo de toda sua vida, permanecido firme em sua fidelidade ao ideal anarquista. Portanto, depende em certa medida de sua atitude se será levado ou não adiante um amplo estudo das questões urgentes que nossos tempos colocam ao movimento e, conseqüentemente, se seu desenvolvimento será desacelerado ou se dará um salto adiante. Permanecendo na estagnação do passado e do presente, nosso movimento não ganhará nada. Pelo contrário, é urgente que, em vista dos eventos que surgem diante de nós, o tornemos apto a cumprir suas funções.

Dou muita importância à sua resposta.

Saudações revolucionárias,

Nestor Makhno, 1928

Dados técnicos:

* Esta carta foi publicada em *Il Risveglio* (Genebra, 4 de dezembro de 1929)

* Tradução ao português provavelmente de Danielle Sales.

* Revisão e preparação de Felipe Corrêa, a partir dos textos em italiano e espanhol; a terminologia foi ajustada com base na nova tradução da Plataforma e no texto crítico de Malatesta.